

# **SOBRE OS SISTEMAS PSICOLÓGICOS<sup>1</sup>**

**Lev S. Vigotski**

O que exporei a seguir é fruto de um trabalho conjunto de experimentação e constitui uma tentativa ainda não concluída de interpretar teoricamente o que foi tomando forma ao longo de uma série de trabalhos destinados a integrar duas linhas de pesquisa: a genética e a patológica. Portanto, podemos considerar como uma tentativa básica – e não somente formal – de concentrar nossa atenção naqueles problemas novos que foram surgindo diante de nós como fruto de uma comparação entre uma série de problemas que até agora só tinham sido estudados do ponto de vista do desenvolvimento funcional e aqueles formulados quando essas funções se desintegram, selecionando todos aqueles aspectos das pesquisas que levamos a cabo em nosso laboratório que possam ter algum valor prático. Visto que o que vou expor supera, por sua complexidade, o sistema de conceitos com que operamos até agora, quero começar repetindo uma explicação que a maioria de nós conhece. Quando nos recriminavam o fato de que estávamos complicando alguns problemas extraordinariamente simples, sempre respondíamos que, na verdade, deviam nos acusar do contrário: explicam de forma excessivamente simples um problema de grande importância. E agora vocês verão uma tentativa de tratar uma série de fenômenos, que interpretamos como mais ou menos compreensíveis ou primitivos, para nos aproximarmos de uma interpretação de sua complexidade, o que é maior do que parecia a princípio.

Gostaria de lembrar que esse movimento no sentido da interpretação cada vez mais complexa dos problemas que estudamos não é casual, e que já está contido numa determinada fase de nossa investigação. Como sabem, o traço principal de nosso enfoque do estudo das funções superiores é que atribuímos a estas um papel distinto do das funções psicológicas primitivas no desenvolvimento da personalidade. Quando dizemos que o homem é dono do seu comportamento e que o dirige, estamos explicando coisas simples (como a atenção arbitrária ou a memória lógica) através de outras mais complexas, como a personalidade. Vinham nos

---

<sup>1</sup> “O Psikhologuítscheskikh sistemakh”. Transcrição estenográfica corrigida da comunicação lida a 9 de outubro de 1930 na Clínica de Enfermidades Mentais da 1ª Universidade estatal de Moscou. Do arquivo pessoal de L. S. Vigotski, publicado pela primeira vez.

acusando de esquecer do conceito de personalidade e, no entanto, este está presente em todas as explicações que damos das funções psicológicas. De fato, estamos procedendo de acordo com os preceitos da investigação científica que, segundo a magnífica expressão de Goethe, transforma os problemas em postulados, ou seja, parte da formulação prévia de hipóteses que devem ser resolvidas e verificadas durante o próprio processo de investigação.

Gostaria de lembrar que por mais primitivo e simples que tenham sido o modo como interpretamos as funções psicológicas superiores, recorreremos, no entanto, ao conceito específico de personalidade de natureza mais complexa e mais integral, em relação ao qual tentamos explicar funções relativamente tão simples como a atenção involuntária ou a memória lógica. Fica claro assim que, à medida que o trabalho avançava, tínhamos de preencher essa lacuna, justificar a hipótese, transformá-la paulatinamente em um conhecimento comprovado experimentalmente e escolher em nossas investigações os momentos que preenchessem a lacuna entre a personalidade (concebida do ponto de vista genético e que mantém uma relação especial em relação a essas funções) e o mecanismo relativamente simples que admitíamos em nossa explicação.

Já em pesquisas anteriores tropeçamos com o tema sobre o qual pretendo falar. Denominei essa comunicação dessa forma (“Sobre os sistemas psicológicos”) devido às complexas relações que surgem entre as funções concretas que se dão no processo de desenvolvimento e as que se desintegram ou experimentam mudanças patológicas durante um processo de alteração.

Ao estudar a evolução do pensamento e da linguagem na idade infantil, vimos que o processo de desenvolvimento dessas funções não consiste fundamentalmente no fato de que dentro de cada uma delas se produza uma mudança, mas em que a mudança é no nexos inicial entre elas, o que é característico tanto da filogênese no plano zoológico quanto do desenvolvimento da criança na idade mais precoce. Esse nexos e essa relação não permanecem iguais durante o desenvolvimento posterior da criança. Por isso, uma das ideias centrais no âmbito da evolução do pensamento e da linguagem é que não existe uma fórmula fixa que determina a relação entre ambos e que seja válida para todos os níveis de desenvolvimento e formas de alteração: em cada um deles encontramos-nos com mudanças em conexões concretas. É precisamente a isto que esta minha comunicação se dedica. A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (era esse nosso erro), nem

sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexos das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional.

Denominaremos *sistemas psicológicos* o aparecimento dessas novas e mutáveis relações nas quais se situam as funções, dando-lhe o mesmo conteúdo que se costuma dar a esse conceito – infelizmente amplo demais.

Duas palavras a respeito de como vou distribuir o material. É conhecido de todos o fato de que muitas vezes o processo de exposição segue um caminho contrário ao da investigação. Teria sido mais fácil para mim abordar o material de uma perspectiva teórica e não fazer referência às investigações levadas a cabo no laboratório. Mas não posso fazer isto: ainda não possuo um ponto de vista teórico geral que explique esse material, e considero um equívoco teorizar antes do tempo. Exporei de forma simples e sistemática a escala conhecida de fatos, que vão de baixo para cima. Tenho de reconhecer previamente que ainda não sou capaz de abarcar toda a escala dos fatos em um nível teórico realmente compreensivo, estabelecendo correspondências lógicas termo a termo entre os fatos e as relações que os unem. Indo de baixo para cima quero me limitar a mostrar a enorme quantidade de material acumulado que encontramos com frequência em outros autores, para colocá-la em relação com os problemas para cuja solução este material desempenha um papel primordial: recorrerei para isso concretamente ao problema da afasia e ao da esquizofrenia em patologia e ao da idade de transição na psicologia genética. Permitir-me-ei ir expondo as considerações teóricas ao mesmo tempo: creio que, hoje em dia, é o único que temos para oferecer.

## 1

Permitam-me começar pelas funções mais simples: as relações entre os processos sensoriais e os motores. Na psicologia atual, o problema dessa relação coloca-se de forma totalmente distinta do que se fazia antes. Se para a velha psicologia constituía um problema estabelecer quais eram os tipos de associação que apareciam entre as funções, para a psicologia moderna o problema se coloca de forma inversa: como se ajustam entre si. Tanto as considerações teóricas quanto a linha experimental mostram que a sensório-motricidade constitui um conjunto psicofisiológico único. Esse ponto de vista é defendido, em particular,

pelos psicólogos gestaltistas (K. Goldstein do ponto de vista neurológico, W. Köhler, K. Koffka e outros, do psicológico). Não posso enumerar todas as alegações a favor desse ponto de vista. Direi apenas que depois de estudar atentamente as investigações experimentais dedicadas a essa questão vemos até que ponto os processos motores e sensoriais constituem um todo único. Assim, a solução motora para as tarefas nos macacos nada mais é do que a continuação dinâmica desses mesmos processos, dessa mesma estrutura que se fecha no campo sensorial. Todos conhecem a convincente tentativa de Köhler (1930) e outros de demonstrar, contrariando a opinião de K. Bühler, que os macacos não resolvem a tarefa dentro do âmbito intelectual, mas do sensorial, e isso se confirma nos experimentos de E. Jaensch, que mostrou que nos sujeitos com imagens eidéticas o movimento do instrumento rumo ao objetivo ocorre no campo sensorial. Por conseguinte, na medida em que se pode resolver integralmente uma tarefa nele, não se trata de algo estático.

Se prestarem atenção a esse processo, verão que a ideia da unidade sensório-motora se verá plenamente confirmada enquanto nos limitemos a sujeitos animais ou tratemos com crianças muito pequenas ou com adultos, para quem estes processos estão muito próximos dos afetivos. Mas quando avançamos mais produz-se uma mudança surpreendente. A unidade dos processos sensório-motores, a conexão segundo a qual o processo motor constitui um prolongamento dinâmico da estrutura que se fechou no campo sensorial, se destrói. A motricidade adquire, assim, um caráter relativamente independente em relação aos processos sensoriais e estes últimos isolam-se dos impulsos motores diretos, surgindo entre eles relações mais complexas. As experiências de A. R. Luria com o método motoro combinado (1928) oferecem-nos uma nova faceta à luz dessas considerações. O mais interessante é que, quando o processo retorna de novo a uma situação na qual o sujeito está em tensão emocional, se restabelece a conexão direta entre os impulsos motores e sensoriais. Ao passo que, quando o homem não se dá conta do que faz e age sob a influência de uma reação afetiva, pode-se comprovar seu estado interno e suas características perceptivas através de sua motricidade, observando-se novamente o retorno à estrutura característica de estados precoces de desenvolvimento.

Se o experimentador que realiza a prova com o macaco deixa de lado a tarefa experimental e se coloca diante do animal, sem se preocupar com o que este vê, mas unicamente com sua ação, será então capaz de se dar conta através dela do que o animal submetido à prova vê. É precisamente isto que Luria denomina método motoro combinado. Pelo tipo de movimento pode-se estabelecer a curva das reações internas, como é característico nas etapas precoces de

desenvolvimento. Com muita frequência, ocorre na criança uma ruptura da conexão direta entre os processos motores e sensoriais. Por enquanto (e sem nos adiantarmos) podemos estabelecer que os processos motores e sensoriais, interpretados no plano psicológico, adquirem uma relativa independência mútua, relativa no sentido de que já não existe a unidade, a conexão direta, própria do primeiro nível de desenvolvimento. Por outro lado, os resultados das investigações realizadas sobre as formas inferiores e superiores da motricidade em gêmeos, e que pretendem separar os fatos hereditários dos do desenvolvimento cultural, levam a concluir que, do ponto de vista da psicologia diferencial, o que caracteriza a motricidade do adulto evidentemente não é sua constituição inicial, mas as novas conexões, as novas relações em que a motricidade se acha em relação com as outras esferas da personalidade, com as demais funções.

Continuando essa ideia, quero deter-me na percepção. Na criança, esta adquire uma certa independência. Diferente do animal, a criança pode contemplar a situação durante certo tempo e, sabendo o que deve fazer, não agir de imediato. Não vamos nos deter em como isto se produz, mas nos centraremos no que ocorre com a percepção. Vimos que a percepção se desenvolve segundo o mesmo padrão que o pensamento e a atenção arbitrária. O que acontece? Como já dissemos, desenvolve-se um determinado processo de “interiorização” dos procedimentos com a ajuda dos quais a criança que percebe um objeto o compara com outro e assim por diante. Embora essa linha de investigação tenha nos conduzido a um beco sem saída, outras investigações evidenciaram com toda clareza que o desenvolvimento posterior da percepção consiste em estabelecer uma complicada síntese com outras funções, concretamente com a da linguagem. Essa síntese é tão complexa que, salvo nos casos patológicos, se torna impossível estabelecer a estrutura básica da percepção. Darei um exemplo muito simples. Se investigarmos a percepção de um quadro, como fez W. Stern, observaremos que quando a criança transmite o conteúdo do mesmo nomeia objetos isolados e quando brinca de dizer o que este último representa expressa todo seu conjunto, omitindo detalhes isolados. Nos experimentos de Kohs, nos quais se analisa a percepção em suas manifestações mais ou menos puras, a criança – sobretudo a surda-muda – constrói figuras que se ajustam por completo ao modelo, reproduz o desenho correspondente, uma mancha de cor; mas, quando recorremos à linguagem para denominar os cubinhos, obtemos no princípio uma união incongruente, que carece de estrutura: a criança coloca os cubinhos um ao lado do outro sem integrá-los em uma estrutura de conjunto.

Para suscitar uma percepção clara é preciso colocar o sujeito em determinadas condições artificiais, o que constitui o principal desafio metodológico nas provas com os adultos. Se, num

experimento em que temos de apresentar uma figura absurda ao sujeito, lhe mostrarmos não apenas um objeto, mas também uma figura geométrica, estaremos acrescentando conhecimento à percepção (por exemplo, que se trata de um triângulo). E para que, como diz Köhler, não formemos a imagem de um objeto, mas apenas de “material visual”, é necessário apresentar uma combinação de coisas confusa e absurda – ou então o objeto conhecido em uma exposição muito breve – para que não reste mais do que a impressão visual. Em outras condições, não poderemos retroceder a uma percepção direta equivalente.

Na afasia, ou em formas profundas de desintegração das funções intelectuais, concretamente da percepção (como observou, em particular, O. Petzel), encontramos-nos diante de um certo retorno à separação da percepção do complexo em que se desenvolve. Não posso dizer isso de forma mais simples e breve, a não ser indicando que, de fato, a percepção do homem atual se transformou em uma parte do pensamento em imagens, porque ao mesmo tempo em que percebo vejo que objeto percebo. O conhecimento do objeto é simultâneo à percepção do mesmo, e vocês sabem que esforços são necessários no laboratório para separar um do outro: uma vez isolada da motricidade, a percepção não continua se desenvolvendo intrafuncionalmente, mas o desenvolvimento ocorre precisamente devido ao de que a percepção estabelece novas relações com outras funções, entra em complicadas combinações com novas funções e começa a atuar em conjunto com elas como um sistema novo, que se revela bastante difícil de decompor e cuja desintegração só pode ser observada na patologia.

Se avançarmos um pouco mais, veremos como a conexão inicial, característica da relação entre as funções, se desintegra e surge uma nova conexão. Este é um fenômeno geral, com que tropeçamos a cada passo e do qual não nos damos conta porque não lhe prestamos atenção. Isso é observado em nossa prática experimental mais simples. Darei dois exemplos.

O primeiro refere-se a qualquer processo intencionalmente mediado, como é o caso da lembrança de palavras com ajuda de imagens. Aqui já encontramos um deslocamento de funções. A criança que lembra uma série de palavras com ajuda de imagens apoia-se não apenas na memória, mas também na fantasia, em sua habilidade para encontrar a analogia ou a diferença. Por conseguinte, o processo de recuperação não depende dos fatores naturais da memória, mas de uma série de funções novas, que intervêm no lugar da lembrança direta. No trabalho de A. N. Leontiev (1931) e no de L. V. Zankov<sup>2</sup>, mostra-se que o desenvolvimento dos fatos gerais da memória segue curvas distintas. Referimo-nos à reestruturação das funções

---

<sup>2</sup> Zankov, Leonid Vladimirovitch (1901-1977). Defectólogo e psicólogo soviético. Os trabalhos a que Vigotski se refere foram publicados posteriormente. (Vide Zankov, 1949). (N.R.R.)

naturais, a sua substituição e ao aparecimento de uma complicada fusão do pensamento com a memória, que recebeu a denominação empírica de memória lógica.

Há um fato notável nas experiências de Zankov que atraiu minha atenção. Verificou-se que na memória mediada o pensamento passa a ocupar um primeiro plano, e as pessoas, segundo suas características genéticas, agem sobre a lembrança de uma lista de palavras de acordo não com as propriedades da memória, mas com as da memória lógica. Esse pensamento se diferencia profundamente do pensamento no sentido estrito da palavra. Quando dizemos a uma pessoa adulta para lembrar uma sucessão de 50 palavras pelas imagens que lhe oferecemos, ela recorre ao estabelecimento de relações mentais entre o signo, a imagem e o que se lembra. Esse pensamento não tem correspondência alguma com o pensamento real do homem, mas é arbitrário; a pessoa não está interessada se está correto ou não, se é verossímil ou inverossímil o que lembra. Nenhum de nós, quando lembra algo, pensa em como faz para resolver o problema. Todos os critérios fundamentais, as conexões, os fatores característicos do pensamento enquanto tal se deformam por completo no pensamento orientado para a lembrança. Teoricamente, deveríamos ter dito antes que na lembrança mudam as funções do pensamento. Seria absurdo que nos tivéssemos, neste caso, a todas as conexões e estruturas do pensamento que são necessárias quando este serve para resolver tarefas práticas ou teóricas. Repito, a memória não apenas muda quanto contrai matrimônio, se nos permitirem dizê-lo assim, com o pensamento, mas este, ao modificar suas funções, não é o mesmo que conhecemos quando estudamos operações lógicas. Aqui se alteram todas as conexões estruturais, todas as relações, e nesse processo de substituição de funções nos encontramos com a formação do novo sistema a que me referi antes.

Se subirmos um degrau mais e prestarmos atenção aos resultados de outras investigações, observaremos mais uma regularidade na formação de novos sistemas psicológicos. A questão da conexão no cérebro entre esses novos sistemas, sua relação com o substrato fisiológico, nos informará e ilustrará o problema central de minha comunicação de hoje.

Ao estudar os processos das funções superiores nas crianças chegamos a uma conclusão que nos surpreendeu. Toda forma superior de comportamento aparece em cena duas vezes durante seu desenvolvimento: primeiro, como forma coletiva do mesmo, como forma interpsicológica, um procedimento externo de comportamento. Não nos damos conta desse fato porque sua cotidianidade nos cega. O exemplo mais claro disto é a linguagem. No princípio, é um meio de vínculo entre a criança e aqueles que a rodeiam mas, no momento em que a

criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual.

Seguindo a excelente formulação de um psicólogo, a linguagem é não apenas um meio de compreender os demais, mas também de compreender a si mesmo.

Se recorrermos a trabalhos experimentais atuais, foi J. Piaget o primeiro a formular e confirmar a tese de que nas crianças em idade pré-escolar o pensamento não surge antes que a discussão tenha surgido em seu grupo social. Antes de serem capazes de discutir e levantar argumentos, as crianças carecem de qualquer pensamento. Suprimirei uma série de fatos e somente relatarei uma conclusão a que chegam esses autores e que modificarei um pouco a meu modo. O pensamento, sobretudo na idade pré-escolar, surge como a interiorização da situação de disputa, como a discussão desta dentro de si mesmo. Em sua investigação sobre o jogo infantil, K. Gross (1906) mostrou que o papel exercido pela coletividade infantil no domínio do comportamento e na subordinação deste às regras do jogo influi também no desenvolvimento da atenção.

Mas eis o que realmente suscita interesse a nossos olhos: a conclusão de que, em um primeiro momento, toda função superior estava dividida entre duas pessoas, constituía um processo psicológico mútuo. Um deles se dá em meu cérebro, outro, no do indivíduo com quem discuto: “Este lugar é meu.” “Não, é meu.” “Eu peguei primeiro.” Aqui, o sistema do pensamento está dividido entre duas crianças. O mesmo ocorre no diálogo: falo – vocês me compreendem. Somente depois começo a falar para mim. A criança em idade pré-escolar dedica horas inteiras à linguagem consigo mesma. Surgem nela novas conexões, novas relações entre as funções, que não figuravam nas conexões iniciais de suas funções.

Este fato desempenha um papel muito especial, central, no domínio do próprio comportamento. O estudo da gênese desses processos mostra que qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico. Isto se relaciona com o fato de que a criança domina a atenção de outros ou, pelo contrário, começa a utilizar consigo mesma os meios e formas de comportamento que, no princípio, eram coletivos. A mãe chama a atenção da criança para algo: esta, seguindo suas indicações, dirige sua atenção para o que ela mostra: aqui nos encontramos sempre ante duas funções separadas. Depois, começa a ser a própria criança quem dirige sua atenção e desempenha em relação a si mesma o papel de mãe, surge nela um complicado sistema de funções, que inicialmente estavam cindidas. Um indivíduo ordena e outro cumpre. O indivíduo ordena a si mesmo e ele mesmo cumpre.

Consegui obter experimentalmente fenômenos análogos numa menina que estou observando. Qualquer um de nós os conhece pelas observações cotidianas. A própria criança começa a ordenar a si mesma: “um, dois, três”, como antes ordenavam os adultos. E, em seguida, ela mesma cumpre sua ordem. Durante o processo de desenvolvimento psicológico, surge, por conseguinte, a fusão de determinadas funções que, no princípio, estavam em duas pessoas. A origem social das funções psíquicas superiores constitui um fato muito importante.

É também digno de nota que aqueles signos que parecem ter desempenhado um papel tão importante na história do desenvolvimento cultural do homem (como mostra a história de sua evolução) são, na origem, meios de comunicação, meios de influência sobre os demais. Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-los mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Trasladado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem.

Por conseguinte, os meios para a comunicação social são centrais para formar as complexas conexões psicológicas que surgem quando essas funções se transformam em individuais, em uma forma de comportamento da própria pessoa.

Se galgarmos um lance mais, veremos outro caso interessante de formação de tais conexões. Poderão ser observadas em geral na criança e com maior frequência no processo de jogo (experimentos de N. G. Morózova)<sup>3</sup>, no qual a criança modifica o significado do objeto. Tentarei explicar com um exemplo filogenético.

Se olharem em um livro sobre o homem primitivo tropeçarão com exemplos do tipo do que vamos expor. Com frequência, a singularidade da forma de pensar do homem primitivo não consiste em que não tenha suficientemente desenvolvidas as funções que possuímos ou que lhe falte alguma delas, mas que ele distribui, de nosso ponto de vista, de outra maneira essas funções. Um dos exemplos mais impressionantes são as observações de L. Levi-Bruhl (1930) sobre um cafre, cujo filho um missionário propôs enviar para a escola da missão. Para o cafre essa situação é extraordinariamente complicada e difícil e, não querendo declinar da oferta de modo taxativo, ele diz: “Verei isso em sonhos”. Levi-Bruhl observa com muita pertinência que nos encontramos diante de uma situação em que qualquer um de nós teria respondido: “Vou pensar”. Em contrapartida, o cafre diz: “Verei isso em sonhos”. Para ele, o sonho desempenha

---

<sup>3</sup> Morózova, Natalia Grigórievna (n. 1906). Defectóloga soviética.

a mesma função que o pensamento para nós. Convém que nos detenhamos nesse exemplo porque, aparentemente, as leis dos sonhos são essencialmente as mesmas para o cafre e para nós.

Não existe fundamento para supor que o cérebro humano tenha experimentado biologicamente uma evolução importante no transcurso da história da humanidade. Tampouco se deve supor que o do homem primitivo se diferencia do nosso e seja um cérebro deficiente, com uma estrutura biológica distinta da nossa. Todas as investigações biológicas conduzem à ideia de que o homem mais primitivo que conhecemos merece biologicamente o título completo de homem. A evolução biológica do homem já tinha terminado antes que começasse seu desenvolvimento histórico. E a tentativa de explicar a diferença entre nossa forma de pensar e a do homem primitivo, considerando que este se encontra em outro nível de desenvolvimento biológico, constituiria uma confusão grosseira entre os conceitos de evolução biológica e desenvolvimento histórico. As leis do sonho são as mesmas, mas o papel que o sonho desempenha é totalmente distinto e observamos que essa diferença não existe apenas entre o cafre e nós, mas também entre o romano e nós, mesmo que, ao enfrentar uma situação difícil, este não dissesse: “Verei isso em sonhos”, porque se encontrava em outro nível de desenvolvimento humano e resolvia as questões, segundo expressão de Tácito, “com as armas e a razão e não com os sonhos, como uma mulher”, mas também esse romano acreditava nos sonhos; para ele, o sonho era um sinal, um presságio; um romano não começava um negócio se tinha um sonho ruim relacionado com ele; para o romano, o sonho entrava em outra conexão estrutural com as demais funções.

E se recorrerem a um neurótico de Freud, terão uma nova postura diante dos sonhos. É muito interessante a observação de um dos críticos de Freud em relação ao fato de que a tendência para que os apetites sexuais se manifestem em sonhos, própria de um neurótico, só é válida para o “aqui e agora”. No neurótico, os sonhos servem seus apetites sexuais, mas isso não constitui uma lei geral. Essa questão deverá ser objeto de investigação posterior.

Se levarem isso mais adiante, verão que os sonhos entram em relações completamente novas com uma série de funções e o mesmo pode ser observado em relação a toda uma série de outros processos. Vemos que, no princípio, o pensamento está, segundo expressão de Spinoza, a serviço das emoções, e o indivíduo que tem inteligência é o dono das emoções.

O exemplo do sonho do cafre tem um significado muito mais amplo que o simples caso de um sonho; é aplicável à construção de toda uma série de complexos sistemas psicológicos.

Gostaria de chamar a atenção de vocês para uma conclusão importante. É notável que, para o cafre, o novo sistema de comportamento surge de determinados conceitos ideológicos, o que Levi-Bruhl e outros sociólogos e psicólogos franceses denominam conceitos coletivos sobre o sonho. Não foi o cafre, que deu essa resposta individual, quem criou esse sistema, mas seu conceito de sonho está integrado ao sistema conceitual da tribo a que pertence. Para eles é característica essa atitude para com os sonhos e é assim que resolvem os difíceis problemas da guerra, da paz e outros. Temos diante de nós um exemplo de mecanismo psicológico cuja origem é determinada por um sistema conceitual, pelo valor que se dá a tal ou qual função. Em uma série de interessantes pesquisas norte-americanas dedicadas aos povos semiprimitivos vemos que à medida que se vão familiarizando com a civilização europeia e recebendo objetos que os europeus utilizam, vão se interessando por eles e apreciando as possibilidades que oferecem. Essas investigações mostram que no princípio os homens primitivos resistiam à leitura de livros. Depois de terem recebido alguns simples instrumentos de lavoura e terem visto a relação entre a leitura do livro e a prática, começaram a apreciar de outra maneira as ocupações dos homens brancos.

A valoração do pensamento e dos sonhos não tem uma fonte individual, mas social, mas isto nos interessa sob outro ângulo. Vemos como aparece aqui um novo conceito dos sonhos, extraído pelo homem do meio social em que vive, que cria uma nova forma de comportamento intra-individual num sistema, assim como o sonho de cafre.

É preciso assinalar, por um lado, a conexão que alguns sistemas novos mantêm não só com signos sociais, mas também com a ideologia, e o significado que tal ou qual função psicológica adquire na consciência das pessoas, ao passo que, por outro lado, o processo de aparecimento de novas formas de comportamento a partir de um novo conteúdo é extraído pelo homem da ideologia do meio que o rodeia. Eis aqui dois pontos de que necessitamos para conclusões posteriores.

## 2

Se dermos mais um passo no caminho do estudo dos complexos sistemas e relações desconhecidos nos níveis precoces de desenvolvimento e nos que surgem relativamente mais tarde, chegaremos a um sistema muito complexo de variação de concepções e de aparecimento de outras novas, que ocorre nos primórdios do desenvolvimento e na formação do novo indivíduo na idade de transição. Até agora, o defeito de nossas investigações decorreu do gato

de nos limitarmos à idade infantil precoce e pouco nos interessarmos pelos adolescentes. Quando tropecei com a necessidade de estudar a psicologia dessa idade de transição a partir do ponto de vista de nossas investigações, fiquei surpreso pelo grau (de...) neste nível em comparação com a idade infantil<sup>4</sup>. A essência do desenvolvimento psicológico não se baseia aqui no desenvolvimento posterior, mas na mudança de conexões.

A investigação do pensamento do adolescente representou uma grande dificuldade na psicologia da idade de transição. Com efeito, o adolescente de 14-16 anos altera pouco sua linguagem, no sentido de aparecerem formas essencialmente novas, em comparação com as que uma criança de 12 anos utiliza. É difícil perceber aquilo que poderia explicar o que ocorre no pensamento do adolescente. Por exemplo, é difícil que a memória ou a atenção nos proporcionem na idade de transição algo novo em relação à idade escolar. Mas se recorrermos concretamente ao material elaborado por A. N. Leontiev (1931) veremos que é característica da adolescência a passagem dessas funções para dentro. O que para o escolar é externo no âmbito da memória lógica, da atenção arbitrária, do pensamento, torna-se interno no adolescente. As investigações confirmam que aqui aparece um novo traço. Vemos que a interiorização se realiza porque essas operações externas se integram em uma função complexa e em síntese com toda uma série de processos internos. Devido a sua lógica interna, o processo não pode continuar sendo externo, sua relação com todas as outras funções mudou, formou-se um novo sistema, reforçou-se e transformou-se em interno.

Darei um exemplo muito simples: a memória e o pensamento no período de transição. Atentem para a seguinte mudança interessante (faço uma certa simplificação). Vocês conhecem o papel colossal que a memória desempenha no pensamento da criança antes da idade de transição. Para ela, pensar significa em grande medida apoiar-se na memória. A pesquisadora alemã Ch. Bühler dedicou-se especialmente a estudar o pensamento das crianças quando estas resolvem tal ou qual problema e demonstrou que para elas, para quem a memória alcança seu máximo desenvolvimento, pensar significa recordar casos concretos. Vocês se lembrarão do clássico exemplo imortal de A. Binet, em suas experiências com duas meninas. Quando pergunta o que é um ônibus, recebe a resposta: “Esse bonde de cavalos com assentos moles, sobem muitas senhoras, o cobrador, faz tlim e assim por diante”.

Observem a idade de transição. Verão que, para o adolescente, lembrar significa pensar. Se antes da idade de transição o pensamento da criança se apoiara na memória, e pensar

---

<sup>4</sup> Assim, na transcrição estenográfica (N.R.R.)

significava lembrar, para o adolescente, a memória se baseia fundamentalmente no pensamento: lembrar é, antes de mais nada, procurar numa determinada sequência lógica o que se precisa. Essa distribuição de funções, essa mudança em sua relação, que introduz indiscutivelmente o papel do pensamento em todas elas, e que traz como resultado que este último já não seja uma função entre outras mas aquela que distribui e muda outros processos psicológicos, pode ser observada na idade de transição.

### 3

Conservando a mesma ordem de exposição e seguindo desde os sistemas psicológicos inferiores até a formação de outros de ordem cada vez mais elevada, chegamos àqueles que constituem a chave de todos os processos de desenvolvimento e de desintegração, ou seja, a formação de conceitos, de funções, que, pela primeira vez, amadurecem e se definem na idade de transição.

É impossível fazer agora uma exposição mais ou menos integral da doutrina do desenvolvimento psicológico do conceito e devo dizer que na investigação psicológica o conceito aparece (e este é o resultado final de nosso estudo) como um sistema psicológico, do mesmo tipo daqueles dos quais já falamos.

Até agora, a psicologia empírica tentava estabelecer como fundamento das funções de formação do conceito alguma função parcial: a abstração, a atenção, a distinção dos traços da memória, a elaboração de determinadas imagens. Para isso, partia da concepção lógica de que qualquer função superior tem sua análoga, sua representação no plano inferior, como é o caso da memória e da memória lógica, da atenção direta e da arbitrária. O conceito era considerado como uma imagem modificada, transformada, liberada de todas as partes descartáveis, uma espécie de conceito polido. F. Galton comparava o mecanismo do conceito com uma fotografia coletiva, quando numa chapa se retrata toda uma série de pessoas: os traços semelhantes sobressaem, os casuais se diluem entre si.

Par a lógica formal, o conceito é o conjunto de traços que foram destacados da série e ressaltados nos momentos em que coincidem. Se tomarmos, por exemplo, os conceitos mais simples: Napoleão, francês, europeu, homem, animal, ser, e assim por diante, obteremos uma série de conceitos cada vez mais gerais, mas cada vez mais pobres no que se refere à quantidade de traços concretos. O conceito “Napoleão” é infinitamente rico quanto a seu conteúdo

concreto, o de “francês” já é muito mais pobre: nem tudo que se refere a Napoleão se refere a um francês, e o conceito de homem é mais pobre ainda.

A lógica formal considerava o conceito como um conjunto de traços do objeto afastado do grupo, como um conjunto de traços gerais. Por isso o conceito surgiria como resultado da paralisação de nossos conhecimentos sobre o objeto. A lógica dialética mostrou que o conceito não é um esquema tão formal, um conjunto de traços abstraídos do objeto, mas que oferece um conhecimento muito mais rico e completo do mesmo.

Toda uma série de investigações psicológicas, e entre elas concretamente as nossas, conduzem-nos a uma formulação do conceito em psicologia. A questão de como este, ao se tornar cada vez mais amplo, ou seja, ao se referir a um número cada vez maior de objetos, não empobrece seu conteúdo, como opina a lógica formal, mas sim o enriquece, é uma questão que obtém uma resposta inesperada nas investigações e se vê confirmada na análise do desenvolvimento dos conceitos em seu perfil genético, em comparação com formas mais primitivas de nosso pensamento. As investigações revelaram que, quando o sujeito de uma prova resolve uma tarefa de formação de nossos conceitos, a essência do processo que ocorre consiste no estabelecimento de conexões; ao buscar outra série de objetos para esse objeto, busca a conexão entre ele e outros. Não se relega uma série de traços a um segundo plano, como na fotografia coletiva, mas, pelo contrário, cada tentativa de resolver a tarefa consiste na formação de conexões e nosso conhecimento sobre o objeto se enriquece devido ao fato de que o estudamos em conexão com outros objetos.

Darei um exemplo. Comparemos a imagem direta de qualquer nove, como pode ser uma carta com o número 9. O nove desta última é mais rico e concreto que nosso conceito de “9”, mas este encerra toda uma série de apreciações que não existe no do baralho; “9” não é divisível por números pares, mas por 3, é  $3^2$ , base do quadrado de 81; ligamos “9” com toda uma série numérica e assim por diante. Fica claro, então, que, se no plano psicológico o processo de formação do conceito consiste na abertura de conexões do objeto em questão em relação a outros, no encontro de um conjunto real, no conceito evoluído, encontramos todo o conjunto de suas relações, seu lugar no mundo, se assim podemos dizer. O “9” é um ponto determinado em toda a teoria dos números, com a possibilidade de movimentos e de combinações infinitas, subordinados sempre à lei geral. Dois pontos chamam nossa atenção. Em primeiro lugar, o conceito não consiste na fotografia coletiva, nem depende de que se apaguem os traços individuais do objeto, mas no fato de que o conhecemos em suas relações, em suas conexões, e, em segundo lugar, no conceito o objeto não é uma imagem modificada mas, como mostram

as investigações, psicológicas atuais, a predisposição a toda uma série de apreciações. “Quando me dizem ‘mamífero – pergunta um dos psicólogos –, a que corresponde isso psicologicamente?” Isso equivale à possibilidade de desenvolver o pensamento e, em última instância, a uma concepção do mundo. Porque encontrar o lugar do mamífero no reino animal, o lugar deste último na natureza, constitui uma verdadeira concepção do mundo.

Vemos que o conceito é um sistema de apreciações, reproduzidas a uma determinada conexão regular. Quando operamos com cada conceito isolado, o essencial está em que o fazemos ao mesmo tempo com todo um sistema.

J. Piaget (1932) dava a crianças de 10-12 anos tarefas que consistiam em operar simultaneamente com dois traços: um animal tem as orelhas compridas e o rabo curto ou as orelhas curtas e o rabo curto. A criança resolve a tarefa centrando sua atenção apenas em um dos traços. Não consegue operar com o conceito como sistema; domina todos os traços que integram o conceito, mas de forma separada; não domina a síntese em que o conceito atua como um sistema único. Nesse sentido, parece-me admirável a observação de V. I. Lenin sobre Hegel, quando diz que o mais simples fato de generalização encerra uma convicção a respeito do mundo exterior, do que ainda não temos plena consciência. Quando realizamos a generalização mais simples, não temos consciência das coisas como se existissem individualmente, mas numa conexão regular subordinadas a uma determinada lei (*Obras completas*, t. 29, pp. 160-1). É impossível expor agora esse problema, extraordinariamente atraente e central, em sua aplicação à formação dos conceitos, por seu significado, para a psicologia atual.

Somente na idade de transição se formaliza definitivamente essa função e a criança passa a pensar em conceitos, partindo de outro sistema de pensamento, das conexões complexas. Perguntamo-nos: em que se distingue o complexo da criança? Antes de mais nada, o sistema do complexo é um sistema de conexões ordenadas concretas, relacionadas com o objeto, que se apoia fundamentalmente na memória. O conceito é um sistema de apreciações, que inclui em si uma relação no que diz respeito a um sistema muito mais amplo. A idade de transição é a idade de estruturação da concepção do mundo e da personalidade, do aparecimento da autoconsciência e das ideias coerentes sobre o mundo. A base para esse fato é o pensamento em conceitos, e para nós toda a experiência do homem culto atual, o mundo externo, a realidade externa e nossa realidade interna estão representados em um determinado sistema de conceitos. No conceito encontramos a unidade de forma e conteúdo a que nos referimos antes.

Pensar com base em conceitos significa possuir um determinado sistema já preparado, uma determinada forma de pensar, que ainda não predeterminou em absoluto o conteúdo final

a que se há de chegar. E. Bergson pensa nos conceitos da mesma maneira que um materialista, ambos possuem a mesma forma de pensar, mesmo que cheguem a conclusões diametralmente opostas.

É precisamente durante a idade de transição que se produz a formação definitiva de todos os sistemas. Isso ficará mais claro quando passarmos ao que pode constituir, em certo sentido, a chave da idade de transição: a psicologia da esquizofrenia.

E. Busemann introduziu na psicologia do período de transição uma distinção muito interessante. Refere-se aos três tipos de conexão existentes entre as funções psicológicas. As primárias são hereditárias. Ninguém negará que entre determinadas funções existem conexões que se modificam diretamente: assim ocorre, por exemplo, no sistema que rege as relações entre os mecanismos emocionais e os intelectuais. Outro sistema refere-se às conexões que se estabelecem durante o processo de encontro de fatores externos e internos, essas conexões que me são impostas pelo meio: sabemos como é possível educar a criança para a selvageria e a crueldade ou para o sentimentalismo. Essas são as conexões secundárias. E, finalmente, as conexões terciárias, que se formam na idade de transição sobre a base da autoconsciência e que caracterizam realmente a personalidade no plano genético e diferencial. Essas conexões estabelecem-se sobre a base da autoconsciência. A elas se refere o mecanismo do “sonho do cafre”, descrito acima. O fato de que relacionemos conscientemente uma determinada função com outras, de forma que constituam um sistema único de comportamento, se produz porque temos plena consciência de nosso sonho, de nossa posição diante dele.

Busemann vê uma diferença radical entre a psicologia da criança e a do adolescente: a primeira se caracteriza por um plano psicológico único de ação direta; a segunda, pela autoconsciência, pela atitude para consigo mesmo a partir de fora, a reflexão, a capacidade não apenas de pensar, mas também de se dar conta da base do pensamento.

Em várias ocasiões estabeleceu-se uma relação entre os problemas da esquizofrenia e os da idade de transição, como indica a própria denominação de *dementia precox*. E, embora na terminologia clínica tenha perdido seu significado inicial, até mesmo autores tão atuais como E. Kretschmer na Alemanha e P. P. Blonski na União Soviética defendem a ideia, baseando-se em sua similaridade externa, de que a idade de transição e a esquizofrenia são a chave, uma da outra, já que todos os traços característicos da idade de transição também se observam na esquizofrenia.

O que se manifesta na idade de transição de forma confusa chega ao limite na patologia. Kretschmer (1924) expressa-se com maior audácia ainda: não há diferenças no plano psicológico entre um processo de maturação sexual, que se produza violentamente, e um processo esquizofrênico, que transcorra suavemente. Há uma certa parte de verdade nisso do ponto de vista da forma externa, mas me parecem falsas a própria formulação do problema e as conclusões a que chegam os autores. Se estudarmos a psicologia da esquizofrenia, essas conclusões não se justificam.

Na verdade, a esquizofrenia e a idade de transição estão em relação inversa. Na primeira, observamos a desintegração das funções que se criam na idade de transição e ainda que se cruzem na mesma estação vão em direções contrárias. Na esquizofrenia tropeçamos com um misterioso quadro, do ponto de vista psicológico, e nem mesmo nos melhores clínicos atuais encontramos explicação para o mecanismo de formação dos sintomas; é impossível mostrar como surgem. As discussões entre os clínicos giram em torno do que predomina: a pobreza afetiva ou a diasquisia sugerida por E. Bleuler (o que deu lugar ao nome de esquizofrenia). No entanto, a essência da questão localiza-se nesse caso não tanto nas mudanças intelectuais e efetivas, mas na elevação das conexões existentes.

A esquizofrenia proporciona uma enorme riqueza de dados relacionados ao tema a que estou me referindo. Procurarei apresentar o mais importante e mostrar que em sua ampla diversidade, as formas em que a esquizofrenia se manifesta procedem da mesma fonte, que têm em sua base um determinado processo interno, capaz de explicar seu mecanismo de funcionamento. A primeira coisa que se desintegra no esquizofrênico é a função de formação de conceitos e somente depois começam as esquisitices. Os esquizofrênicos caracterizam-se por seu torpor afetivo; modificam sua atitude para com a esposa amada, os pais, os filhos. No outro extremo, é clássica a descrição de inabilidade e costumam ser descritos por sua irascibilidade e pela ausência de qualquer tipo de impulso, embora se verifique, como aponta com correção Bleuler, uma vida afetiva extraordinariamente aguçada. Quando à esquizofrenia vem se somar qualquer outro processo, por exemplo, a arteriosclerose, o quadro clínico se altera bruscamente, as emoções do esquizofrênico não se enriquecem, mas somente se modificam suas manifestações principais.

Na inabilidade afetiva, quando a vida emocional se empobrece, todo o pensamento do esquizofrênico começa a ser regido apenas por seus afetos, como indica I. Storch. Trata-se do mesmo distúrbio: uma mudança na correlação entre a vida intelectual e a afetiva. A teoria mais clara e brilhante sobre as mudanças patológicas na vida afetiva foi desenvolvida por Ch.

Blondel. A essência dessa teoria consiste no seguinte. Quando se manifesta um processo psicológico alterado (especialmente se não houver imbecilidade), o que ocorre é, antes de mais nada, a desintegração de todos os sistemas complexos alcançados como resultado da vida coletiva, a desintegração daqueles sistemas de formação mais recente. As ideias e os sentimentos não variam, mas todos perdem as funções que desempenhavam no sistema complexo. Se para o café o sonho estabelecia novas relações em relação ao comportamento futuro, esse sistema se descomporá e aparecerão perturbações, formas de comportamento insólitas. Em outras palavras, a primeira coisa que salta à vista no tratamento clínico psiquiátrico das alterações psicológicas é a desintegração daqueles sistemas que, por um lado, se formaram mais tarde e, por outro, são de origem social.

Esse fato é especialmente patente na esquizofrenia e ainda mais enigmático já que, do ponto de vista formal, se conservam as funções psicológicas: não ocorrem mudanças na memória, na orientação, na percepção, na atenção. A orientação mantém-se e, se um paciente delirante for interrogado com habilidade quando diz estar num palácio, se verá que ele sabe perfeitamente onde se encontra na verdade. O que caracteriza a esquizofrenia é a conservação das funções em si mesmas e a desintegração do sistema que aparece em certas circunstâncias. Partindo disso, Blondel fala do transtorno afetivo do esquizofrênico.

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos. Com eles sucede algo parecido ao que ocorre com a memória, quando se transforma em parte interna do processo do pensamento e começa a ser denominada memória lógica. Assim como nos é impossível distinguir onde termina a percepção superficial e onde começa a compreensão em relação a um objeto determinado (na percepção estão sintetizadas, fundidas, as particularidades estruturais do campo visual e da compreensão), também no nível afetivo nunca experimentamos os ciúmes de maneira pura, pois ao mesmo tempo estamos conscientes de suas conexões conceituais.

A teoria fundamental de Spinoza (1911) é a seguinte. Ele era um determinista e, distinguindo-se os estoicos, afirmava que o homem tem poder sobre os afetos, que a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções e fazer com que concordem com a ordem e as conexões dadas pela razão. Spinoza manifestava uma atitude genética correta. No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais

relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. E é nessa complicada síntese que transcorre nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões.

Já dissemos que, como expressava corretamente Spinoza, o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo. O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção.

Por conseguinte, as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções. Essa ideia serve de base para os postulados a respeito do que ocorre na desintegração da consciência devido a uma doença. São esses os sistemas que se desintegram nesse caso, e disto decorre a inabilidade afetiva do esquizofrênico. Se lhes disserem: “Você não tem vergonha, só um canalha se comporta assim”, permanecerá completamente frio, para ele isso não constitui uma enorme ofensa. Seus afetos se separaram e agem à margem desse sistema. Também é própria do esquizofrênico a atitude oposta: os afetos começam a modificar seu pensamento, sendo este um pensamento a serviço de interesses e necessidades emocionais.

Para encerrar o tema da esquizofrenia quero dizer que, assim como se formam as funções na idade de transição, essas funções, cuja síntese observamos ao longo dela, se desintegram na esquizofrenia, alterando-se e perdendo sua conexão com o pensamento sem que possamos percebê-lo. Em certa medida, voltaríamos ao estado que existe nos níveis precoces de desenvolvimento, quando é muito difícil chegar a qualquer afeto. Ofender uma criança de tenra idade é muito fácil, mas fazê-lo indicando que as pessoas decentes não agem assim é muito difícil: o caminho é totalmente diferente, e o mesmo ocorre na esquizofrenia.

Para resumir tudo isto gostaria de dizer o seguinte: o estudo dos sistemas e de suas funções é muito instrutivo não apenas no caso do desenvolvimento e da construção dos processos psíquicos, mas também no caso de sua desintegração. Esse estudo explica os interessantíssimos processos de desintegração que observamos em clínica psiquiátrica e que surgem sem que desapareçam bruscamente certas funções, como, por exemplo, a fala nos afásicos. Isso explica por que alterações tão fortes podem produzir alterações débeis no cérebro; e explica o paradoxo psicológico de que nas afasias e nas alterações orgânicas globais do cérebro se observam alterações psicológicas insignificantes, ao passo que na esquizofrenia, na psicose reativa, nos encontramos diante de uma desordem total do comportamento em comparação com o de uma pessoa adulta. A chave para compreender isso está na ideia dos sistemas psicológicos, que não surgem diretamente da conexão de funções, tal e como aparecem no desenvolvimento do cérebro, mas dos sistemas a que nos referimos. E que as manifestações psicológicas da esquizofrenia, tais como a inabilidade afetiva, a desintegração intelectual, a irritabilidade, encontram aí sua explicação global, sua conexão estrutural.

Gostaria de terminar com o seguinte. Um dos três traços cardinais da esquizofrenia é a alteração caracterológica, que consiste na cisão do meio social. O esquizofrênico torna-se cada vez mais introvertido e sua manifestação mais extrema é o autismo. Todos os sistemas a que nos referimos, que são sistemas de origem social, fundam-se na atitude social para consigo mesmo, como dissemos antes, e se caracterizam pelo traslado das relações coletivas para o interior da personalidade. O esquizofrênico, que perdeu as relações sociais com aqueles que o rodeiam, perde-as para consigo mesmo. Como bem disse um clínico, sem fazer disso um princípio teórico, o esquizofrênico não deixa apenas de compreender os demais e de falar com eles, mas deixa de se dirigir a si mesmo através da linguagem. A desintegração dos sistemas de personalidade construídos socialmente é outro traço da desintegração das relações externas, que são relações interpsicológica.

#### 4

Deter-me-ei somente em duas questões.

A primeira refere-se a uma conclusão a nosso ver muito importante sobre tudo que foi dito a respeito dos sistemas psicológicos e do cérebro. Devo rejeitar as ideias desenvolvidas por K. Golstein e A. Gelb de que qualquer função psicológica superior mantém uma correlação fisiológica direta tanto com a estrutura fisiológica da função quanto com sua vertente

psicológica. Mas, em primeiro lugar, exporei suas ideias. Ambos dizem que nos conceitos dos afásicos se altera a função do pensamento que corresponde à função fisiológica básica. Aqui, Golstein e Gelb incorrem numa séria contradição com eles mesmos, já que antes afirmaram no mesmo livro que o afásico retorna ao sistema de pensamento característico do homem primitivo. Se no afásico se encontra afetada a função fisiológica e este retorna ao nível de pensamento que corresponde ao homem primitivo, devemos dizer que este último carece de função fisiológica básica que existe em nós. Ou seja, sem se alterar morfológicamente a estrutura do cérebro também apareceria aqui a função básica, que não existe nos níveis primitivos de desenvolvimento. De que base dispomos para supor que há milhares de anos se produziria no cérebro humano uma reorganização tão radical? Também nisto a teoria de Goldstein e Gelb tropeça em uma dificuldade intransponível. Mas têm certa razão ao considerarem que qualquer sistema psicológico complexo – tanto o sonho do cafre quanto o conceito e a autoconsciência da personalidade – é, no fim das contas, produto de determinada estrutura cerebral. Todo o problema consiste em o que é que corresponde fisiologicamente no cérebro ao pensamento em conceitos.

Para explicar como aparece isso no cérebro basta admitir que este encerra condições e possibilidades de tal combinação de funções, de tal síntese nova, de tais sistemas novos, que, em geral não precisam ter se produzido estruturalmente de antemão e penso que toda a neurologia atual obriga a supor isto. Damo-nos cada vez mais conta da manifesta diversidade e do caráter inconcluso das funções cerebrais. É muito mais correto admitir que o cérebro encerra enormes possibilidades para o aparecimento de novos sistemas. Essa é a principal premissa. Resolve a pergunta que se formula a respeito dos trabalhos de Levi-Bruhl, que sustentou na última discussão da sociedade filosófica francesa que o homem primitivo pensa de maneira distinta da nossa. Isto significa que seu cérebro é diferente do nosso? Ou teremos de admitir que devido à nova função este último se modificou biologicamente ou que o espírito o utiliza apenas como instrumento e, por conseguinte, um único instrumento tem muitas utilizações, por ser o espírito que se desenvolve, e não o cérebro?

Na verdade, parece-me que a introdução do conceito de sistema psicológico tal como o expusemos oferece-nos a possibilidade de formarmos uma ideia perfeita das conexões reais, das complicadas relações reais que existem nesse caso.

Isto também remete, em certa medida, a um dos problemas mais difíceis: o da localização dos sistemas psicológicos superiores. Até agora, o assunto foi abordado de duas maneiras. O primeiro ponto de vista considerava o cérebro como uma massa informe e renunciava a

reconhecer que suas distintas partes não tem o mesmo valor e que desempenham um papel diferente na construção das funções psicológicas. Evidentemente, esse ponto de vista é incongruente. Por isso, posteriormente continuou-se a localizar as funções em distintos setores do cérebro, distinguindo, por exemplo, a área práxica e outras. As áreas estão relacionadas entre si, e o que observamos nos processos psíquicos é a atividade conjunta de áreas isoladas. Essa ideia é sem dúvida mais acertada. Estamos diante de uma complexa colaboração entre uma série de zonas distintas. O substrato cerebral dos processos psíquicos não é integrado por setores isolados, mas por complexos sistemas de todo o aparelho cerebral. Mas o problema consiste no seguinte: se esse sistema aparece previamente na própria estrutura do cérebro, ou seja, se se esgota nas conexões que existem entre suas diferentes partes, devemos supor que as conexões das quais surge o conceito já se encontravam previamente na mencionada estrutura. Se admitirmos que cabem nele outras mais complexas que não existiam antes, transporemos de imediato esse problema para outro plano.

Permitam-me esclarecer isto mediante um esquema, ainda que muito rudimentar. Na personalidade, unem-se formas de comportamento que antes estavam divididas entre duas pessoas: a ordem e a execução; antes ocorriam em dois cérebros, um dos quais agia sobre o outro, digamos que com a ajuda da palavra. Quando se unem num cérebro, temos o seguinte quadro: o ponto A no cérebro não pode alcançar o ponto B através de uma conexão direta, não se encontra em conexão natural com ele. As possíveis conexões entre partes isoladas do cérebro se estabelecem fora, através do sistema nervoso periférico.

Partindo dessas ideias, podemos compreender uma série de fatos da patologia, sobretudo aqueles casos em que uma pessoa com sistemas cerebrais lesionados não é capaz de realizar algo diretamente, mas consegue fazê-lo se falar disso consigo mesma. Esse quadro clínico é claramente observável nos que padecem do mal de Parkinson. Um parkinsoniano não consegue dar um passo; mas, se lhe disserem: “Dê um passo”, ou colocarem um papel no chão, ele conseguirá. Todos sabemos como eles caminham bem pelas escadas e como andam mal em um chão plano. Para conduzir o paciente ao laboratório é necessário colocar no chão uma série de papéis. Quer andar, mas não pode influir sobre sua motricidade pois esse sistema está destruído. Por que um parkinsoniano consegue andar depois de terem colocados papéis no chão? Aqui cabem duas explicações. Uma foi dada por I. D. Sapir<sup>5</sup>: o doente quer levantar a mão quando lhe ordenam que o faça, mas esse impulso é insuficiente; quando ligamos o pedido a mais um impulso (visual), levanta-a. O impulso complementar age junto com o principal. O quadro pode

---

<sup>5</sup> Sapir, Isai Davidovitch (1897-1937). Psiquiatra soviético.

se apresentar de outro modo. O sistema que lhe permite levantar a mão está alterado. Mas ele pode ligar um ponto do cérebro com outro através de um signo externo.

Considero que a segunda hipótese sobre o movimento dos parkinsonianos seja a correta. Eles estabelecem a conexão entre dois pontos de seu cérebro através de um signo, influenciando sobre si mesmos a partir de um terminal periférico, o que é confirmado pelos dados experimentais obtidos quando o enfermo fica esgotado. Se a questão se reduzisse apenas a que esgotamos o doente até o limite, o efeito do estímulo complementar deveria aumentar ou, pelo menos, ser igual à queda, à recuperação, desempenhar o papel de um excitante externo. Um dos autores russos que descreveram pela primeira vez os parkinsonianos dizia que o mais importante para o paciente era a excitação ruidosa (tambores, música), mas as pesquisas posteriores mostraram que não é assim. Não quero dizer que ocorre exatamente isso nesses enfermos, mas basta chegar à conclusão de que é suficiente, por enquanto, admitir essa possibilidade, como continuamente nos é sugerido pelos processos de desintegração.

Quaisquer dos sistemas a que me refiro percorrem três etapas. Primeiro, a interpsicológica: eu ordeno, você executa; depois, a extrapsicológica: começo a dizer a mim mesmo; e, em seguida, a intrapsicológica: dois pontos do cérebro, que são estimulados de fora, tem tendência a atuar dentro de um sistema único e se transformam em um ponto intracortical.

Permitam-me deter-me brevemente no destino posterior desses sistemas. Gostaria de mencionar que no plano psicológico-diferencial nem eu nem vocês nos distinguimos uns dos outros por eu possuir um pouco mais de atenção do que vocês; a diferença caracterológica essencial e importante na prática na vida social das pessoas encontra-se nas estruturas, relações, conexões, de que dispomos entre diversos pontos. Quero dizer com isso que o decisivo não é a memória, ou a atenção, mas até que ponto o homem faz uso dessa memória, que papel desempenha. Já vimos que os sonhos podem desempenhar um papel central para o cafre. Para nossa vida psicológica são parasitas que não desempenham papel algum de importância. O mesmo ocorre com o pensamento. Quantas inteligências estereis existem que não produzem nada! Quantas inteligências que pensam, mas que não agem! Todos se lembram dessa situação quando sabemos como é preciso atuar e o fazemos de outra maneira. Gostaria de indicar que há aqui três planos extraordinariamente importantes. O primeiro corresponde às classes sociais e psicológicas. Queremos comparar o operário com o burguês. O gato não consiste, como pensava W. Sombart, em que para o burguês o principal seja a avareza, em que tenha havido uma seleção biológica de pessoas avaras para as quais o fundamental é a mesquinhez e a acumulação. Admito que existem muitos operários mais avaros que os burgueses. A essência da questão não

consiste em que o papel social se deduz do caráter mas em que, a partir deste, cria-se uma série de conexões caracterológicas. Os traços sociais e de classe formam-se no homem a partir de sistemas interiorizados, que nada mais são do que os sistemas e relações sociais entre pessoas trasladados para a personalidade. É nisto que está baseada a investigação dos processos de trabalho na orientação profissional: cada profissão existe um determinado sistema de tais conexões. Para um maquinista de bonde, por exemplo, o que realmente importa não é tanto o fato de possuir mais atenção do que um homem comum, mas o de saber utilizá-la adequadamente, o importante é que a atenção ocupe um lugar que no escritor, por exemplo, pode não ocupar e assim por diante.

E, finalmente, nos traços diferenciais e caracterológicos, é preciso distinguir fundamentalmente as conexões caracterológicas primárias, que ocorrem em uma ou outra proporção, como por exemplo, a constituição esquizóide ou ciclóide, das outras conexões que surgem de modo totalmente distinto e que distinguem a pessoa desonesta da honrada, a veraz da falsa, a fantasiosa da diligente. Não se trata tanto de que uma pessoa seja menos cuidadosa ou mais embusteira que outra, mas que surgiu e se desenvolveu na ontogênese um determinado sistema de conexões. K. Lewin diz com razão que a formação dos sistemas psicológicos coincide com o desenvolvimento da personalidade. Nos casos mais elevados, quando nos achamos em presença de individualidades humanas que revelam o grau máximo de perfeição ética e a mais maravilhosa vida espiritual, encontramos-nos diante de um sistema no qual o todo mantém relação com a unidade. Spinoza defende uma teoria (que modifíco ligeiramente) segundo a qual a alma pode conseguir que todas as manifestações, todos os estados, se voltem para um mesmo fim, podendo surgir um sistema com um centro único, a máxima concentração do comportamento. Para Spinoza, a ideia única é a de Deus ou de natureza. Psicologicamente, isso absolutamente não é necessário. Mas o homem pode com certeza reduzir a um sistema não apenas funções isoladas, mas criar também um centro único para todo o sistema. Spinoza mostrou esse sistema no plano filosófico; existem pessoas, cuja vida é um modelo de subordinação a um fim, que mostraram na prática que isso é possível. Resta para a psicologia a tarefa de mostrar como verdade científica esse tipo de surgimento de um sistema único.

Para terminar, gostaria de indicar mais uma vez que apresentei uma escala de fatos, talvez dispersa, mas que, não obstante, vai de baixo para cima. Omiti quase por completo toda consideração teórica. Parece-me que desse ponto de vista nossos trabalhos são claros e ocupam seu lugar. Careço de força teórica para unir tudo. Apresentei uma gama muito ampla, mas formulei um conceito geral na qualidade de ideia para abarcar tudo. E teria gostado, hoje, de

esclarecer a ideia básica que fui amadurecendo durante vários anos, mas que finalmente não me decido a dar por confirmada pelos fatos. Nossa próxima tarefa consistirá em deixar clara essa ideia, da forma mais efetiva e detalhada possível. Desejaria, baseando-me nos fatos que apresentei, expressar minha convicção fundamental: não se trata de que as alterações se deem exclusivamente no seio das funções, mas de que existem alterações nas conexões e na infinita diversidade de formas de estas se manifestarem; que em uma determinada fase de desenvolvimento aparecem novas sínteses, novas funções cruciais, novas formas de conexões, e que devemos nos interessar pelos sistemas e pelas finalidades dos sistemas. Parece-me que sistemas e finalidade são as duas palavras que devem encerrar o alfa e o ômega de nosso trabalho mais imediato.

VIGOTSKI, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 103-136.